



9º Encontro Internacional de Política Social
16º Encontro Nacional de Política Social
Tema: A Política Social na Crise Sanitária revelando Outras Crises
Vitória (ES, Brasil), 13 a 15 de junho de 2023

Eixo: Marxismo, teoria social e crítica da economia política.

Uma interpretação do negativo do capital: crise e desmedida

Daniel Guzzo Moratti ¹

Resumo: O conceito marxiano de crise costuma ser interpretado pelas noções de causa e efeito das crises econômicas durante o desenvolvimento do capitalismo. Este trabalho se apoia na tese de Jorge Grespan (2012), compreendendo a crise como desdobramento negativo do capital, ao passo que seu conceito emerge ao longo da exposição dos três volumes de *O Capital*, bem como o próprio conceito de capital apresentado por Karl Marx. O autor destaca a desmedida como um dos elementos que levam às crises, em seu momento mais abstrato, na circulação simples, até àqueles que possuem maior complexidade, se aproximando da realidade concreta. Ao longo da exposição, foram destacados os principais momentos do caráter desmedido do capital, quando ele se afirma enquanto tal, relacionando-o com a crise.

Palavras-chave: Crise. Capital. Desmedida. Economia Política.

An interpretation of the negative of capital: crisis and mismeasure

Abstract: The Marxian concept of crisis is usually interpreted by the notions of cause and effect of economic crises during the development of capitalism. This work is based on the thesis of Jorge Grespan (2012), understanding crisis as a negative unfolding of capital, while its concept emerges throughout the exposition of the three volumes of *The Capital*, as well as the very concept of capital presented by Karl Marx. The author highlights mismeasure as one of the elements that lead to crises, from its most abstract moment, in simple circulation, to those with greater complexity, approaching concrete reality. Throughout the exposition, the main moments of the mismeasured character of capital were highlighted, when it asserts itself as such, relating it to the crisis.

Keywords: Crisis. Capital. Mismeasure. Political Economy.

1. INTRODUÇÃO

A partir da crítica da economia política, a crise possui uma estreita relação com o capital, sendo parte de sua existência e um dos principais elementos para entender a sociedade moderna, como pretendia Marx. A crise é muitas vezes compreendida equivocadamente, como sinônimo de conflitos políticos, sociais (GRESPLAN, 2004) ou como condições de anomalia econômica. De acordo com Grespan (2004, p. 179), “em geral, o problema se concentra na relação entre os vários

¹ Mestrando em Política Social pelo Programa de Pós-Graduação em Política Social (PPGPS) e Graduado em Ciências Econômicas, ambos pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Bolsista pela Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (Fapes). E-mail: danielgmoratti@outlook.com

significados da crise e, daí, no seu estatuto ‘modal’ – possibilidade, necessidade”.

O estatuto modal da crise é permeado também pela contraditoriedade da lógica capitalista de reprodução e acumulação. Certas interpretações das crises econômicas entendem-nas apenas enquanto possibilidade, como se ela fosse simplesmente um resultado externo ao ciclo do capital e fosse resultado de algum desequilíbrio; outras compreendem-nas como uma necessidade inexorável (GRESPLAN, 2004).

A perspectiva adotada neste trabalho a partir da obra *O negativo do capital: o conceito de crise na crítica de Marx à Economia Política* de Jorge Gresplan (2012), compreende a crise como uma categoria que se desenvolve concomitantemente ao conceito de capital, ao longo dos três volumes d’*O Capital* de Marx. E nesse desenvolver, defende-se que a crise tem seus diferentes momentos e formas. Gresplan (2012) destaca que Marx dá ênfase ao *caráter latente* da crise, contrapondo-se, assim, à ideia simplista de que as crises aparecem meramente por consequências exógenas ao sistema econômico. Esse caráter latente faz referência a algo oculto e que está potencialmente ativo, e é o que ocorre com a crise, que passa da possibilidade para a efetividade.

A possibilidade geral das crises é a metamorfose formal do próprio capital, a dissociação da compra e venda no tempo e no espaço. Mas esse processo nunca é a causa da crise, pois é apenas a forma mais geral da crise, isto é, a própria crise em sua expressão mais geral. Não se pode dizer que a forma abstrata da crise é a causa da crise. Quem pergunta por sua causa, quer saber precisamente por que sua forma abstrata, a forma de sua possibilidade, passa da possibilidade para a realidade (MARX, 1983, p. 950 - grifos meus).

Quando se trata das causas da crise, o que se pretende entender é como a crise passa de possibilidade (momento mais abstrato) à realidade. Além desta introdução, o trabalho segue com outras três seções, além das considerações finais. Cada seção busca relacionar essa concepção categorial da crise ao longo das obras de Marx tendo em vista a concepção de desmedida, que se altera e se manifesta de distintas formas, tal como o capital o faz.

2. A desmedida e a crise no primeiro livro

A desmedida no primeiro livro aparece, primeiro, do conflito entre os trabalhos concreto e abstrato, revelando-se como um conflito de interesses entre os indivíduos no processo da troca de mercadorias e a sua relação com o equivalente geral. É em razão de o dinheiro aparecer como equivalente geral e permitir a elevação de sua forma que emerge a contradição que opõe valor e valor de troca, um outro tipo de desmedida. Eis a primeira possibilidade da crise na forma mais abstrata (MARX, 1996a; 1996b; GRESPAN, 2012).

Ainda nesse momento da circulação simples de mercadorias, o dinheiro está relacionado a outra acepção da possibilidade formal da crise, que se manifesta através do dinheiro enquanto meio de pagamento. Diz respeito à compra e venda de mercadorias, tal que dinheiro inicialmente compra uma mercadoria, mas não necessariamente é gasto novamente em outra compra, separando no tempo e no espaço essa identidade. Nesses dois casos, o dinheiro é uma forma antitética da mercadoria, os quais entram em contradição. A unidade interna existente entre as fases de compra (D-M) e venda (M-D), momentos opostos de um ato idêntico, precisam se separar para que dê prosseguimento às demais metamorfoses da forma-valor (MARX, 1996a; 1996b; GRESPAN, 2012).

Por isso, os economistas que negam a crise insistem na unidade dessas duas fases. Se elas, sem serem uma unidade, fossem apenas separadas, seria impossível justamente uma restauração violenta de sua unidade, ou seja, uma crise. Se fossem apenas uma unidade, sem estarem separadas, não haveria a eventualidade de as dissociar à força, o que também é crise. Esta é a restauração violenta da unidade entre elementos guindados à independência e a afirmação violenta de independência de elementos que na essência formam uma unidade (MARX, 1983, p. 948-949).

Diante dessa necessidade relativa de se separar, de se independizar reciprocamente, essas fases, que são uma unidade de elementos opostos, se destroem à força, deflagrando a crise como resultado desse processo. Concomitante a essa violência, a autonomização dessas fases é uma resposta contrária que as colocam em separação.

2.1 A desmedida do capital

Embora o capital seja capaz de criar as condições para sua autovalorização, ele não consegue estimar o necessário para produzir e extrair o excedente da produção e se valorizar na “medida certa”. Dentre as diversas contradições do capital, a *desmedida* se destaca enquanto uma forma de estabelecer limites para o crescimento do capital e da produção de valor. É ainda no primeiro volume de *O Capital* que essa categoria aparece quando descrita a continuidade de valorização da forma-valor já na subordinação do trabalho ao capital, no quarto capítulo (GRESPLAN, 2008; 2012; 2002).

Nesse sentido, a ininterrupta valorização do capital o coloca sobre situações delicadas como parte fundamental de sua reprodução, podendo, por ora, se valorizar acima de suas condições “normais”, abrindo a possibilidade para uma crise.

Mas o capital, como representante da forma universal da riqueza - do dinheiro -, é o *impulso ilimitado e desmedido de transpor seus próprios limites*. Cada limite é e tem de ser obstáculo para ele. Caso contrário, deixaria de ser capital - o dinheiro que se produz a si mesmo. Tão logo deixasse de sentir um determinado limite como obstáculo, *mas se sentisse à vontade nele como limite*, o próprio capital teria degenerado de valor de troca a valor de uso, da forma universal da riqueza a uma existência substancial determinada dela. *O capital enquanto tal cria um mais-valor [mais-valia] determinado porque não pode pôr de uma vez um mais-valor [mais-valia] ilimitado; ele é o movimento contínuo de criar mais mais-valor [mais-valia]. O limite quantitativo do mais-valor [mais-valia] aparece para o capital somente como barreira natural*, como necessidade que ele procura incessantemente dominar e transpor (MARX, 2015, pp. 417-418- grifos meus).

Sua capacidade de medir a si próprio e, por isso, de se automensurar e autovalorizar é um resultado da sua própria necessidade em se produzir em excesso, onde a desmedida aparece como a forma que o capital consegue precisar o necessário na valorização, para encontrar a medida mais adequada.

A autovalorização que define o capital é, com isso, também automensuração: ao dominar a força de trabalho, o capital pretende dominar a capacidade de se medir, de fixar a medida de valor que lhe corresponde em um certo momento e que ele quer e precisa superar enquanto valor que se valoriza. Medir-se, então, é algo crucial para o capital (GRESPLAN, 2008, p. 9).

Como o capital é o “movimento contínuo” de criar valor e mais-valia, ele possui sua medida de valor por meio do trabalho abstrato, onde esse é tido como alvo

na redução do processo de produção, mesmo que seja ele a fonte de valor. Assim, a partir dessa dinâmica, ele nega sua própria essência, além do desejo por uma produção ‘infinita’, tal que, somente ela é capaz de definir os limites e barreiras do capital, através da desmedida e da possibilidade de crise. Grespan (2008, p. 11) afirma que “todos os fenômenos derivados da negação do trabalho pelo capital, como a substituição de mão-de-obra por meios de produção, por exemplo, levam de algum modo à desmedida”.

É nesse momento que se “revela a raiz do problema da desmedida” para Grespan (2012, pp. 110-111), pois diz respeito a duas medidas diferentes, uma que rejeita e outra que absorve a força de trabalho, e, nesse momento, “as duas medidas entram em contradição e, ao invés da medida como resultante de sua combinação, levam à desmedida”. “É ele [o capital] que pretende medir sua autovalorização, através da inclusão da fonte e medida de valor como seu momento, mas que, ao negá-la e reduzi-la, se impede de fazê-lo” (idem, p. 111). Eis uma das causas da crise de sobreacumulação - tratada mais a frente -, pois o capital perde capacidade de mensuração em si próprio. Grespan (2012, p. 114) avança nessa discussão destacando a subjetividade do capital, na qual ela é responsável pela forma-valor, sua substância, e assim capaz de fundamentar a si próprio. “Neste sentido, tal conteúdo ‘funda’ as metamorfoses das formas-valor como algo determinado essencialmente pela ‘relação privada do capital consigo mesmo’, ou seja, algo ‘contido’ no capital e manifesto a partir de sua interioridade”. A tendência à crise da forma-capital está ligada também à sua própria negação, pois mostra sua incapacidade de mudar a forma-valor na qual se encontra, mostrando certa “anormalidade” durante as metamorfoses.

Assim como a criação de valor, o conteúdo da produção de valor se dá na esfera da produção capitalista, se diferenciando do conteúdo da circulação simples, uma vez que a subjetividade do capital, de valorização própria, diz respeito à acumulação de capital (GRESPLAN, 2012), e essa ocorre na esfera da produção, através da mais-valia. Para a análise de Jorge Grespan, então,

[...] não é possível ‘explicar’ a ocorrência de crises no quadro categorial da circulação simples, que fornece apenas a forma geral delas mas não a ‘causa’ que as faz irromper; elas aí permanecem enquanto ‘possibilidade formal’. Quando o conteúdo não se define mais do exterior, e sim do interior da esfera do valor, porém, ele é ‘conteúdo fundado’ na subjetividade do capital

e fundante, por sua vez, da manifestação das tendências opostas que dele resultam (GRESPLAN, 2012, p. 115).

Ao passo que a forma-valor vai se autonomizando, o conceito de capital se aproximando do concreto, o conceito de crise vai se alterando. As crises “devem ser concebidas exatamente enquanto efetividade”, sendo “efeito de uma ‘causa’ determinada”, aparecendo, assim, “como possibilidade no sentido de potência”, qual seja, uma capacidade em questão, que depende do movimento do capital geral para ela emergir (GRESPLAN, 2012, p. 115).

3. A desmedida e a crise no segundo livro

No segundo volume d’*O Capital*, onde há uma preponderância da esfera da circulação durante a investigação, não se trata de formas separadas e isoladas, mas, sim, que atuam em conjunto a depender da finalidade do processo de reprodução global do capital, e, portanto, podem ser vistas no processo a partir de um círculo em constante movimento.

Num círculo em constante rotação, cada ponto é, ao mesmo tempo, ponto de partida e ponto de retomo. Caso interrompamos a rotação, então nem todo ponto de partida é ponto de retomo. Assim vimos que não só cada ciclo particular pressupõe (implicitamente) o outro, mas também que a repetição do ciclo numa forma compreende a descrição do ciclo em outras formas. Assim, a diferença toda se apresenta como sendo apenas formal ou, também, como sendo meramente subjetiva, como diferença que existe tão-somente para o observador (MARX, 1985, p. 75).

Além do círculo, que integra as formas funcionais do capital, estar em constante movimento, Gresplan (2012, p. 126) destaca em Marx, “além da ideia da sucessão dos estágios, introduz a da simultaneidade”, a *justaposição das formas* no ciclo unitário capital industrial.

Por isso, o verdadeiro ciclo do capital industrial é, em sua continuidade, não só unidade do processo de circulação e de produção, mas unidade de todos os seus três ciclos. [...] A sucessão de cada parte está aqui condicionada pela justaposição das partes, isto é, pela partição do capital. [...] A justaposição, pela qual a continuidade da produção é condicionada, só existe, porém, pelo movimento das partes do capital em que elas descrevem sucessivamente os diferentes estágios. A justaposição é, ela mesma, apenas resultado da sucessão (MARX, 1985, p. 77).

Assim é possível, através da justaposição, que condiciona a continuidade do movimento das partes, possibilite o avanço das partes do capital industrial, que somente assim torna real a transformação contínua do capital entre suas formas (GRESPLAN, 2012).

No momento em que algum ciclo carece de alguma necessidade para sua efetivação, a sua continuidade, que requer o início de outro ciclo em funcionamento, é ameaçada, pois todas as sucessões necessitam do devido funcionamento dos ciclos antecedentes².

Sendo assim, o sentido da crise se altera no decorrer do segundo volume d'*O Capital*, pois, conforme Grespan, a crise já não se define somente às paralisações, mas por paralisações que são consequência de uma desproporção do valor que o capital é responsável por distribuir.

Como a justaposição resulta da divisão do valor de capital conforme uma proporção necessária da magnitude de valor de cada parte, a 'desordem' provocada nela pela interrupção em um estágio corresponde a uma desproporção na divisão do valor. Inversamente, como 'a sequência de cada parte é condicionada pela justaposição das partes', pode-se pensar que a paralisação da sequência também é provocada por um problema na justaposição, isto é, por uma distribuição do valor total nas três partes que não esteja em conformidade com as magnitudes requeridas de cada uma, determinadas pela necessidade da autovalorização (GRESPLAN, 2012, p. 127 - grifos meus).

Ao mesmo tempo, a justaposição, que condiciona o andamento do processo de valorização do valor, pode aparecer como motivo da paralisia do ciclo, dado que cada fase também requer um determinado quantitativo de valor para que ela se inicie e siga adiante para outra fase. Aqui se expressa, novamente, a dialética presente entre a medida e a desmedida do capital, que ocorre entre a distribuição do valor produzido entre as fases justapostas do ciclo do capital industrial, podendo, a qualquer instante, ocorrer uma desordem na produção de valor.

² Se, por exemplo, M' - D' se paralisa para uma parte, sendo a mercadoria invendável, então o ciclo dessa parte está interrompido e a reposição por seus meios de produção não se realiza; as partes seguintes, que surgem do processo de produção como M', encontram sua mudança de função bloqueada por suas antecessoras. Caso isso perdesse algum tempo, então a produção é reduzida e todo o processo é levado à imobilidade. Toda paralisação da sucessão leva a justaposição à desordem; toda paralisação num estágio provoca uma paralisação maior ou menor no ciclo global não só da parte paralisada do capital, mas também do capital individual inteiro (MARX, 1985, p. 77).

Aparece a desmedida do capital também como uma desproporção da produção do valor entre os departamentos de meios de consumo e de produção, que estão inseridos no processo da circulação geral para reprodução em escala ampliada do capital social total. De acordo com Marx (1985), na desproporção intradepartamental, cujos setores estão condicionados mutuamente, são investidas proporções relativas entre capital constante e variável. Esses setores são dependentes entre si de forma relativa, pois eles necessitam uns dos outros para realizar sua produção, na compra e na venda, todavia, tomam decisões individuais no que tange às escolhas da acumulação de capital (GRESPLAN, 2012).

Agora a análise não se restringe somente às formas individuais do capital, porém em sua forma social total e em sua reprodução. Sendo assim, Marx (1985, p. 292) coloca a seguinte questão: “como o capital consumido na produção é repostado, quanto ao valor, a partir do produto anual, e como se entrelaça o movimento dessa reposição com o consumo da mais-valia pelos capitalistas e do salário pelos trabalhadores?”.

O que aparece é que “cada segmento do capital social se divide, assim, em três partes: reposição do capital constante utilizado; consumo dos trabalhadores mediante seus salários, que corresponde à reposição do capital variável; e consumo dos capitalistas do equivalente à mais-valia” (GRESPLAN, 2012, p. 139). O que aparece aqui, inicialmente, é que se o “processo global abrange tanto o consumo produtivo [...] como o consumo individual” o capital social deve, assim, “compor-se de dois elementos: 1) do próprio ciclo do capital e 2) do ciclo das mercadorias que entram no consumo individual” tanto dos trabalhadores quanto dos capitalistas (MARX, 1985, pp. 261-262).

Sendo assim, de acordo com Grespan (2012), deve haver, por um lado, um setor produtor de meios de produção, responsável pela renovação da parte constante do capital; e, por outro lado, deve existir um setor que produza meio de consumo para os trabalhadores e capitalistas. Aqui, além das interrelações dos capitalistas de cada setor, a fim de absorver parte de seu produto, se faz necessária e fundamental essa relação entre os setores de meios de produção e de meios de consumo, da qual são estabelecidas as condições de reprodução do capital social total.

Grespan (2012, p. 143) enfatiza o aparecimento da *desmedida*: “ela se define agora pela necessidade do capital social dividir seu volume global de valor de

acordo com a importância dos valores de uso distintos que colaboram para sua reprodução ampliada”. Nesse sentido, o capital precisa definir a medida para sua produção de valor, dividido tanto entre suas formas individuais quanto entre os setores de meios de produção e de meios de consumo, sobretudo em razão de não haver desequilíbrios entre esses setores.

Nessa perspectiva, o autor também destaca que na reprodução ampliada do capital, a condição dessa - qualitativa - representa uma desmedida, a qual é responsável pela desorganização do sistema produtivo, levando, portanto, a buscar por um novo equilíbrio, isto é, a fim de que não haja excesso entre os setores da economia. A crise, nesse caso, aparece sob a forma de compra e venda entre os capitalistas nesses setores, ou seja, oferta e demanda.

Grespan (2012) reitera aqui da importância do *estatuto modal da crise*, pois, nesse sentido, Marx (1967, p. 511 apud GRESPAN, 2012, p. 147 - tradução do autor) destaca: “esta concreção e este entrelaçamento dos processos de reprodução ou circulação de diferentes capitais pela divisão do trabalho são *necessários*, por um lado, e *casuais*, por outro, e assim já se amplia a determinação do conteúdo da crise”.

A crise é a manifestação da impossibilidade da mera autonomia; é a desproporcionalidade que evidencia a necessidade do ‘entrelaçamento’ proporcional no intercâmbio dos setores; é a emergência da ‘unidade interna’ que revela a indiferença entre eles como algo parcial e, portanto, que eles não são *diversos*, exteriores um ao outro, mas postos na diferença pela unidade, ou seja, *opostos*. Por isso, a combinação das medidas, estabelecidas originalmente em cada setor de modo autônomo, se apresenta *na crise* enquanto combinação de medidas de opostos: a crise se define como o momento em que as medidas autônomas se opõem, como contradição de medidas ou, na terminologia da *Ciência da lógica* de Hegel, como *desmedida* (GRESPLAN, 2012, p. 149 - grifos do autor).

Assim, Grespan (2012) aponta ainda que a crise evidencia a contradição intersetorial, acentuando a necessidade da diferenciação entre os setores enquanto momento da unidade que constitui o capital social. “É neste sentido que a desmedida não é simples *acaso*, contingência exterior ao sistema capitalista, e sim resultado da necessidade presente na constituição deste sistema enquanto totalidade – do capital enquanto *sujeito*” (GRESPLAN, 2012, p. 149 - grifos do autor)

Nesse sentido, como as decisões de produção são tomadas individualmente, “a possibilidade de desmedida nesta esfera, pela contradição das medidas intrassetoriais

estabelecidas na produção de cada um, *define apenas a forma mas não a causa da própria desmedida*, sendo ainda uma possibilidade formal (GRESPLAN, 2012, p. 150 - grifos meus). Logo, a possibilidade formal da crise é apenas a forma inicial pela qual esse fenômeno transparece ao longo do método de exposição de Marx, cuja exposição, ainda no volume II, está em seu nível abstrato, embora um pouco menos que aquele apresentado no volume I³.

4. A desmedida como sobreacumulação e a crise no terceiro livro

Nos *Grundrisse*, Marx (2015, p. 417) diz que “o capital [...] é o impulso ilimitado e desmedido de transpor seus próprios limites”, isto é, seus obstáculos e a consciência de sua autovalorização. Nesse sentido, brevemente abordar-se-á aqui a sobreacumulação como forma mais concreta de manifestação dessa desmedida, que está baseada no processo da perda de referência na valorização do valor.

[...] sob o pressuposto extremo feito, a superprodução absoluta de capital não é uma superprodução absoluta em geral, uma superprodução absoluta de meios de produção. É apenas uma superprodução de meios de produção, à medida que estes *funcionam como capital* e, por isso, devem, em relação ao valor inflado em função de sua massa inflada, implicar uma valorização desse valor, gerar um valor adicional. [...] Superprodução de capital significa apenas *superprodução de meios de produção* - meios de trabalho e de subsistência - que podem funcionar como capital, ou seja, que podem ser empregados para a exploração do trabalho em dado grau de exploração, e a queda desse grau de exploração abaixo de dado ponto provoca perturbações e paralisações do processo de produção capitalista, crises, *destruição de capital* (MARX, 1986a, p. 192 - grifos meus).

Dessa forma, “a tolice sobre a impossibilidade da superprodução (em outras palavras, a afirmação da identidade imediata do processo de produção e do processo de valorização do capital) [...] a superprodução tem lugar em relação à valorização, nada

³ [...] enquanto todas as contradições do capital não forem expostas, inclusive as contradições da concorrência, as crises do capital permanecerão no âmbito da mera possibilidade formal. Porém, quanto mais superarmos as abstrações e possibilidades da crise presentes nas contradições mais simples do capital, como a contradição entre valor-de-uso e valor, mercadoria e dinheiro, processo de trabalho e processo de valorização, tempo de produção e tempo de circulação, produção e realização da mais-valia etc., e quanto mais nos aprofundarmos na análise das contradições da sociedade capitalista, mais avançaremos da simples possibilidade formal da crise para sua realidade efetiva. E quanto mais nos aproximarmos da realidade concreta da sociedade capitalista, mais necessário tornar-se-á para nós demonstrar que as formas abstratas do capital são interativas e se contêm nas mais concretas (BENOIT; ANTUNES, 2016, pp. 125-126).

mais” (MARX, 2015, p. 561).

O termômetro para essa superacumulação de capital, que está pautada no próprio processo de valorização do valor é a taxa de lucro:

Mas periodicamente são produzidos meios de trabalho e meios de subsistência em *demasia* para fazê-los *funcionar como meios de exploração* dos trabalhadores a certa *taxa de lucro*. São produzidas mercadorias em demasia para poder *realizar o valor* nelas contido e a *mais-valia* encerrada nele, sob as condições de distribuição e de consumo dadas pela produção capitalista, e poder *retransformá-la em novo capital*, isto é, levar a cabo esse processo sem explosões sempre recorrentes. Não se produz demasiada riqueza. Mas periodicamente se produz demasiada riqueza em suas formas capitalistas, antitéticas (MARX, 1986a, p. 194 - grifos meus).

Entre a taxa de mais-valia e a taxa de lucro há também uma desmedida, como bem destaca Grespan (2012, p.172 - grifos meus):

Uma vez, porém, que neste processo o capital simultaneamente determina movimentos inversos para as *duas formas de medida*, elas não são simplesmente *diferentes*, mas *opostas*, na acepção rigorosa de expressões *mutuamente negativas* de um mesmo *fundamento contraditório*. Medida pela taxa de mais-valia, a valorização do capital é *crescente*; enquanto que, ao mesmo tempo, medida pela taxa de lucro, ela é *decrecente*. É justamente esta *oposição entre as duas medidas* que define a *desmedida*: a incapacidade do próprio capital em avaliar univocamente seu processo de constituição, reprodução e acumulação; ou ainda, a perda de referência do capital a si mesmo na determinação de seu devir, de sua autodeterminação.

A produção em excesso é também resultada da própria desmedida do capital, onde a valorização e a desvalorização são dois lados da mesma lei, como parte de suas contradições internas, tal que produz meios de produção, que são utilizados como capital, em excesso. A desvalorização aparece negando todo o processo de valorização do capital, projetada como forma contínua de reprodução em escala ampliada.

A contradição, expressa de forma bem genérica, consiste em que o modo de produção capitalista implica uma tendência ao desenvolvimento absoluto das forças produtivas, abstraindo o valor e a mais-valia nele incluídos, também abstraindo as relações sociais, dentro das quais transcorre a produção capitalista; enquanto, por outro lado, ela tem por meta a manutenção do valor-capital existente e sua valorização no grau mais elevado (ou seja, crescimento sempre acelerado desse valor). Seu caráter específico está orientado para o valor-capital existente, como meio para a máxima valorização possível desse valor. Os métodos pelos quais ela alcança isso implicam: diminuição da taxa de lucro, desvalorização do capital existente e desenvolvimento das forças produtivas do trabalho à custa das forças produtivas já produzidas (MARX, 1986a, p. 188).

Entende-se a “contradição” relativa à inversão dos meios e fins que o capital tem para se autovalorizar, que, de acordo com Grespan (2012, p. 187):

na reprodução normal não há contradição, porque a acumulação enquanto finalidade coincide com a conservação do valor do capital existente enquanto meio para que este valor cresça; mas na crise a acumulação leva à desvalorização do capital existente, a finalidade e o meio entram em oposição.

Existe tanto a criação do valor, através da “tendência ao desenvolvimento absoluto das forças produtivas”, como a conservação do valor no mesmo momento do processo da acumulação e, por isso, uma contradição. Quando se atinge esse objetivo, segundo Marx, ocorre uma “diminuição da taxa de lucro, desvalorização do capital existente e desenvolvimento das forças produtivas do trabalho à custa das forças produtivas já produzidas”.

Em consequência, o máximo desenvolvimento da força produtiva e a máxima expansão da riqueza existente coincidirão com a depreciação do capital, a degradação do trabalhador e o mais estrito esgotamento de suas capacidades vitais. Essas contradições levam a explosões, cataclismos, crises, nas quais, pela suspensão momentânea do trabalho e a destruição de grande parte do capital, este último é violentamente reduzido até o ponto em que pode seguir empregando plenamente suas capacidades produtivas sem cometer suicídio (MARX, 2015, p. 1035).

A desmedida da valorização e da desvalorização como sinônimos da lei geral, enquanto “expansão da riqueza existente” ocorrerá no mesmo momento em que a “depreciação do capital”, além da “degradação do trabalhador”, bem como suas capacidades vitais, posto que se eleva as condições de exploração.

Assim, a forma que o capital encontra como saída em momentos que a crise se manifesta é a ‘queima’ do capital que foi produzido em excesso, ou seja, ele nega sua própria essência para seguir em seu único projeto, o de valorizar a si mesmo; portanto, “criar um valor novo pode às vezes implicar destruir o valor antigo” (GRESPLAN, 2008, p. 10), mas isso só é possível de se saber quando o capital se encontra na sua desmedida a medida que não corresponde à sua capacidade de autovalorização.

A crise aparece como um limite dessa contradição: “é suficiente mostrar que o capital contém uma limitação particular da produção - limitação que contradiz a sua tendência geral de transpor qualquer obstáculo à produção - para desvelar o fundamento da superprodução [sobreaacumulação], a contradição fundamental do

capital desenvolvido [...]” (MARX, 2015, p. 549). Dado que o capital, para ser capital, precisa produzir muito de si mesmo, valor em excesso, a crise, dessa forma, é uma das restrições colocadas à produção pelo próprio capital, onde há um impulso a reduzir suas barreiras (GRESPLAN, 2008).

Da mesma maneira que a crise aparece como resultado da expansão das condições de reprodução do capital, ela também é o momento que cria as circunstâncias para restabelecer a reprodução capitalista sobre as condições em que o capital é capaz de operar, através da métrica obtida pela taxa de lucro (GRESPLAN, 2012).

5. Considerações finais

A exposição aqui feita buscou trazer uma concepção de crise diferente daquelas usualmente apresentadas na teoria marxiana, cuja manifestação é confundida com a causa do fenômeno. Buscou-se mostrar, a partir da tese de Jorge Gresplan, que a crise acompanha o capital desde o seu momento mais abstrato na circulação simples de mercadorias, antes mesmo do valor se tornar capital, durante o processo de exposição em *O Capital*.

Nesse sentido, o conceito de crise aparece como a forma negativa do capital, e daí a justificativa dela acompanhar o seu movimento, é sua necessidade e possibilidade ao mesmo tempo, portanto, ressalta seu caráter modal. Nessa linha de raciocínio, analisou-se também a desmedida como uma das principais características que evidencia a contraditoriedade do desenvolvimento do capital, desde a referida circulação simples, passando pelos conflitos dentro das esferas da circulação e produção, até chegar ao conteúdo da sobreacumulação, relativo à produção de valor em níveis cada vez maiores, não dando conta de absorver toda essa produção, sobretudo diante das formas contemporâneas do capital.

O estudo das forma mais abstratas da crise é fundamental para tentar esclarecer o nexos profundo entre o capital e as suas respectivas crises recentes, em sua forma mais concreta. A aparência que ela assume na realidade, afeta as relações de produção e sociais, impactando em novas formas de organização da sociedade, bem

como trazendo novas reflexões para aqueles que buscam construir uma sociedade mais justa e sem desigualdades.

Referências

GRESPLAN, Jorge. A crise de sobreacumulação. **Crítica Marxista**, São Paulo, Ed. Unesp, n.29, p.11-17, 2009.

_____. A desmedida do capital. **Cadernos de Ética e Filosofia Política**, v. 2, n. 13, p. 7-16, 2008.

_____. A dialética do avesso. **Crítica marxista**, v. 14, p. 26-47, 2002.

_____. "Capital e crise: os desafios da teoria." **Margem esquerda: ensaios marxistas**. São Paulo: Boitempo, p. 175-185, 2004.

_____. **O negativo do capital**. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

MARX, Karl. **Grundrisse**: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política. [Recurso Eletrônico] Boitempo editorial, 2015.

_____. **O Capital**: crítica da economia política. 2ª Ed. Livro II. Coleção Os Economistas. 2ª Ed. São Paulo: Abril Cultural, 1985.

_____. **O Capital**: crítica da economia política. 2ª Ed. Livro III, Tomo I. Coleção Os Economistas. São Paulo: Abril Cultural, 1986a.

_____. **O Capital**: crítica da economia política. 2ª Ed. Livro III, Tomo II. Coleção Os Economistas. São Paulo: Abril Cultural, 1986b.

_____. **O Capital**: crítica da economia política. Livro I, Tomo I. Coleção Os Economistas. São Paulo: Abril Cultural, 1996a.

_____. **O Capital**: crítica da economia política. Livro I, Tomo II. Coleção Os Economistas. São Paulo: Abril Cultural, 1996b.

_____. **Teorias da Mais-Valia**: história crítica do pensamento econômico. Livro IV, v. II, São Paulo: Difel, 1983.